

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL**

**SAMANTA GOULART**

**A CRISE FINANCEIRA MUNDIAL DE 2008 E O REFLEXO NO CAPITAL DE GIRO  
DAS EMPRESAS BRASILEIRAS**

**CAXIAS DO SUL**

**2012**

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
CENTRO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS, CIÊNCIAS CONTÁBEIS E COMÉRCIO  
INTERNACIONAL  
CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

**SAMANTA GOULART**

**A CRISE FINANCEIRA MUNDIAL DE 2008 E O REFLEXO NO CAPITAL DE GIRO  
DAS EMPRESAS BRASILEIRAS**

Monografia apresentada como requisito para a obtenção do Grau de Bacharel em Ciências Contábeis da Universidade de Caxias do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Birch Gonçalves.

**CAXIAS DO SUL  
2012**

**SAMANTA GOULART**

**A CRISE FINANCEIRA MUNDIAL DE 2008 E O REFLEXO NO CAPITAL DE GIRO  
DAS EMPRESAS BRASILEIRAS**

Monografia apresentada como requisito para a obtenção do Grau de Bacharel em Ciências Contábeis da Universidade de Caxias do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Birch Gonçalves.

Apresentado em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**Banca Examinadora:**

---

**Prof. Dr. Roberto Birch Gonçalves  
Universidade de Caxias do Sul – UCS**

---

**Prof.  
Universidade de Caxias do Sul – UCS**

---

**Prof.  
Universidade de Caxias do Sul – UCS**

As Pessoas que me deram suporte e conhecimento, especialmente meus professores e familiares, que fizeram que este trabalho atingisse seus objetivos.

## **AGRADECIMENTOS**

Quero expressar minha enorme gratidão para todas as pessoas que estiveram do meu lado, me apoiando e me ensinando para a conclusão de mais uma etapa da minha vida. Agradecer meu pai e minha mãe que estiveram sempre me proporcionando um lar com muito amor e carinho, a minha irmã que foi sempre um exemplo a ser seguido e meu namorado que sempre me apoiou e incentivou as minhas conquistas. Meus professores que foram à base para meu aprendizado, e principalmente meu orientador Professor Roberto Birch Gonçalves pela paciência na orientação e incentivo, que tornarão possível a conclusão desta monografia. Aos amigos e colegas que compreenderam em algum momento minha ausência.

“O mais importante da vida não é a situação que estamos, mas a direção para a qual nos movemos”.

*Oliver Wendell Holmes*

## RESUMO

Crises financeiras acontecem no mundo de tempos em tempos, algumas que envolvem apenas um país outras que se tornam mundialmente conhecidas, pois afetam toda a economia mundial. Para o melhor entendimento das crises que acompanham as empresas ao nosso redor, nada como entender o que veio causar uma das maiores crises dos nossos tempos. Qual o efeito que ela causou, e ainda é sentida por diversos setores da economia especialmente no Brasil e o que deve ser feito para que não ocorra novamente. Também busca entender as medidas do governo brasileiro em situações como esta para diminuir a retração do mercado para manter o crescimento econômico, já que um dos maiores problemas desta crise foi à falta de crédito no mercado. E para uma melhor verificação de tudo isso que ocorreu foram utilizadas análises de capital de giro para interpretar esses problemas. E claro como bons administradores aprender com problemas já vivenciados e como manter os controles internos que funcionam e melhorar os que não estão bem e não trazem benefícios para a empresa é um grande aprendizado.

**Palavras-chave:** Crise. *Subprime*. Capital de giro. Empresas. Crédito. Endividamento. Dólar. Controles gerenciais.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Modalidades de inadimplência.....	24
FIGURA 2 – Ciclo Operacional de uma Empresa Industrial.....	26
FIGURA 3 – Cálculo Capital Circulante Líquido .....	27
FIGURA 4 – Cálculo do Capital de Giro Próprio.....	28
FIGURA 5 – Cálculo da Liquidez Geral.....	29
FIGURA 6 – Cálculo da Liquidez Imediata.....	29
FIGURA 7 – Cálculo da Liquidez Seca .....	30
FIGURA 8 – Cálculo da Liquidez Corrente.....	30

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Os impactos causados pela crise internacional .....	34
QUADRO 2 – Os impactos causados pela crise internacional por setor .....	35
QUADRO 3 – Medidas do governo brasileiro para conter a crise .....	36
QUADRO 4 – Código e Cargo das pessoas entrevistadas .....	38
QUADRO 5 – Balanço Patrimonial empresa B.....	40
QUADRO 6 – Análises Capital de Giro .....	42
QUADRO 7 – Análises de Liquidez.....	43
QUADRO 8 – Demonstrações do Resultado empresa B .....	46

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
1.1	CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO	12
1.2	TEMA E PROBLEMA DE PESQUISA	13
1.3	OBJETIVOS	14
1.3.1	<b>Objetivo geral</b>	<b>14</b>
1.3.2	<b>Objetivos específicos</b>	<b>14</b>
1.4	METODOLOGIA	15
1.5	ESTRUTURA DO ESTUDO	16
<b>2</b>	<b>CRISE 2008</b>	<b>17</b>
2.1	CONCEITO	17
2.2	CRISES	17
2.3	RAÍZES DA CRISE FINANCEIRA	19
2.4	O BRASIL NA CRISE	21
<b>3</b>	<b>CAPITAL DE GIRO</b>	<b>25</b>
3.1	CAPITAL CIRCULANTE LÍQUIDO (CCL)	27
3.2	ANÁLISE DA LIQUIDEZ	28
3.3	FLUXO DE CAIXA	30
3.4	ABRANGÊNCIA DO FLUXO DE CAIXA	32
3.5	REDUÇÃO NA NECESSIDADE DE CAPITAL DE GIRO	32
<b>4</b>	<b>EMPRESAS BRASILEIRAS NA CRISE</b>	<b>34</b>
4.1	ANÁLISES DOS DADOS	37
4.2	PRINCIPAL PROBLEMA CAUSADO PELA CRISE PARA AS EMPRESAS	39
4.2.1	<b>Comprovação via Balanço</b>	<b>40</b>
4.2.1.1	Análise capital de giro	42
4.2.1.2	Análise de liquidez	43
4.2.2	<b>Controles Internos</b>	<b>44</b>
4.2.3	<b>Faturamento</b>	<b>45</b>
4.2.4	<b>Quadro de funcionários</b>	<b>47</b>
4.3	Medidas do governo e consequências no capital de giro	48
4.3.1	<b>Aumento do Crédito</b>	<b>48</b>

<b>4.3.2</b>	<b>Redução do IPI.....</b>	<b>48</b>
<b>4.3.3</b>	<b>Mudança Vencimento dos Impostos.....</b>	<b>49</b>
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>50</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>53</b>
	<b>APÊNDICE A - Questionário utilizado para as empresas .....</b>	<b>56</b>

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO

Desde o chamado “estouro das bolhas” das empresas Mares do Sul em 1719 e 1720 a economia já atravessou centenas de crises financeiras (GONTIJO e OLIVEIRA, 2011, p.5). Em 2007 se iniciou a crise *subprime*. O início da crise ocorreu devido ao mercado de crédito norte americano estar distribuindo crédito a pessoas que não precisavam comprovar meios de renda sendo que os juros eram pós-fixados e como houve um enorme aumento dos juros no mercado norte americano, muitas pessoas não conseguiram saldar com suas dívidas, e isso fez com que o mercado mais afetado fosse imobiliário.

Cintra e Farhi (2008, p. 37) argumentaram que “em decorrência da elevação da inadimplência e da desvalorização dos imóveis e dos ativos financeiros associados às hipotecas americanas de alto risco (*subprime*) e com a falência do Banco Lehman Brothers foi o estopim para a crise se alastrar pelo mundo todo”. Identificada na posição dos mesmos autores (2008, p. 36):

O desenrolar da crise pôs em questão a sobrevivência de diversas instituições financeiras e colocou em xeque esta arquitetura financeira, bem como os princípios básicos do sistema de regulação e supervisão bancária e financeira.

No Brasil muitas empresas sentiram essa crise, quando outros países pararam de investir no país, a produção e o consumo diminuíram com isso demissões ocorreram. No país não se chegou sentir tanto como nos Estados Unidos, pois o mercado brasileiro se encontrava numa situação sólida. Algumas empresas preparadas financeiramente e com seus controles gerenciais em dia conseguiram passar a crise sem perdas e conseguiram manter seus rendimentos apesar de algumas quedas na lucratividade.

Um dos maiores problemas sentindo pelo mercado brasileiro foi à falta de crédito, pois com menos dinheiro circulando no mercado e os bancos sendo mais cautelosos nos empréstimos e cobrando mais caro por eles, dificultava para as empresas com problemas de capital de giro conseguirem empréstimos.

Algo que estava cada vez mais presente no dia-a-dia das empresas à falta de crédito e os altos juros.

Atualmente a dívida externa brasileira diminuiu bastante, sendo que a maior parte está na mão de empresas privadas. Para especialistas, as empresas que quiserem renovar essas dívidas terão que arcar com taxas mais altas de juros. Os bancos brasileiros também já estão encontrando taxas muito altas para tomar empréstimos no exterior. Essa situação afeta o crescimento do crédito no Brasil, de forma geral, e a capacidade de investimento das empresas, em particular. A falta de crédito internacional também afeta empresas estrangeiras que planejam fazer investimentos diretos no Brasil, o que determina menor taxa de crescimento e investimentos (ALVES, 2010).

Principalmente que as empresas buscavam empréstimos de médio e longo prazo devido à situação que não estava favorável.

Com isso visando à ideia principal da pesquisa em referência é verificar os reflexos sobre as empresas em relação à crise em questão e qual as atitudes tomadas por elas. Esta resposta contribuirá para que as empresas obtenham conhecimento e possam estar melhores preparadas para situações semelhantes.

## 1.2 TEMA E PROBLEMA DE PESQUISA

O cenário financeiro mundial esta sempre em turbulência, mas o país que mais impacta a sociedade brasileira quando se sucede uma crise econômica são os Estados Unidos devido sua importância no cenário econômico mundial.

A crise iniciada nos Estados Unidos em 2008 que resultou na perda de 3,6 milhões de empregos em 2008 e anúncio da perda de 4,7 milhões de empregos em dezembro de 2009 (NASCIMENTO, 2011, p.19). Esses números são referentes apenas aos Estados Unidos não estão incluídos outros países.

No Brasil logo no início da crise, no ano de 2007, as autoridades se encontravam tranquilas em relação à situação brasileira como na época o ministro da fazenda Guido Mantega assegurava que o Brasil estava “muito sólido para enfrentar uma situação como esta” se referindo à situação que os Estados Unidos se encontravam na época. Mas alguns dias após, o comunicado teve que ser mudado já que a Bovespa obteve a perda de R\$ 209,7 bilhões conforme Gontijo e Oliveira (2011).

Com a crise instalada no Brasil, muitas empresas tiveram que ir buscar fontes de financiamentos para conseguir manter suas obrigações financeiras e sociais, devido à paralisação de investimentos vindo do exterior. Outro problema enfrentado pela econômica brasileira foi à desvalorização da moeda brasileira como cita Oreiro (2009, p. 133 - 149):

Nas últimas cinco semanas os efeitos da crise financeira internacional atingiram em cheio a economia brasileira. No final de agosto o dólar ainda era cotado em torno de R\$ 1,60. Acabou fechando no dia 18/10/2008 em torno de R\$ 2,30. Uma desvalorização de mais 30% em pouco mais de quarenta dias.

Como o Brasil sofre com esta influência, algumas empresas tiveram problema no seu capital de giro, ou seja, não conseguiam meios de financiamentos para alavancar seu caixa.

Com isso a questão de pesquisa é: Qual foi o reflexo no capital de giro das empresas brasileiras em relação a crise de 2008?

### 1.3 OBJETIVOS

#### 1.3.1 Objetivo geral

Identificar o reflexo da crise de 2008 sobre o Capital de Giro das Empresas Brasileira.

#### 1.3.2 Objetivos específicos

- Fazer o levantamento bibliográfico relacionado a crise *subprime*;
- Analisar os elementos da crise e como afetaram o Brasil;
- Identificar as ações do governo e seus reflexos sobre as empresas;
- Analisar os procedimentos para gestão de capital de giro pelas empresas.

## 1.4 METODOLOGIA

O trabalho em questão foi elaborado a partir dos conceitos de pesquisa descritiva segundo Andrade (2001, p. 24):

Os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem que o pesquisador interfira neles. Isto significa que os fenômenos do mundo físico e humano são estudados, mas não manipulados pelo pesquisador.

Quanto aos procedimentos o estudo foi fundamentado em estudo de caso, este tipo de pesquisa é realizado de forma intensiva, os esforços dos pesquisadores devem se concentrar em um problema específico. Conforme Cervo e Bervian (2007, p.71) “o estudo de caso é a pesquisa sobre determinado indivíduo, família, grupo ou comunidade que seja representativo do seu universo, para examinar aspectos variados de sua vida”.

A abordagem utilizada será a qualitativa no qual se pretende descrever e aprofundar determinado problema.

A pesquisa qualitativa é particularmente útil como ferramenta para determinar o que e porque é importante para os indivíduos. Esse tipo de pesquisa fornece um processo a partir do qual questões – chave são identificadas e perguntas são formuladas (GUTH,2007 p.74).

Conforme Guth (2007 p. 76) a abordagem qualitativa é utilizado em estudos descritivos onde se procura saber e classificar a relação entre variáveis e a relação causa efeito entre fenômenos.

O instrumento de pesquisa utilizado foi o questionário (apêndice A), foram conduzidas entrevistas em profundidade definidas pela fundamentação a partir de perguntas chaves que conduziram ao complemento no assunto. Em cima do questionário foram feitas entrevistas gravadas por áudio com os respectivos funcionários das empresas. Estas entrevistas foram transcritas e analisadas.

## 1.5 ESTRUTURA DO ESTUDO

O trabalho em questão tem como objetivo facilitar a compreensão em relação à crise de 2008 mais conhecida como *subprime*, numa linguagem de fácil entendimento. Além disso, mostrar como as empresas brasileiras são afetadas apesar de ser uma crise que teve início em outro país. E como as pessoas ligadas aos controles das empresas tem grande acesso a ajudar a empresa e não ter problemas maiores nas crises.

A pesquisa esta dividida em cinco capítulos.

No primeiro capítulo consta a importância da pesquisa, a questão da pesquisa, os objetivos, a metodologia.

No segundo capítulo inicia-se a pesquisa bibliográfica onde está apresentado como as empresas estão a mercê de crises mundiais em qualquer parte do mundo, qual foi o estopim para ela iniciar, e como ela se iniciou no Brasil qual foi o momento que o Governo verificou que o Brasil estava na Crise junto com outros países. No terceiro capítulo será abordado o conceito de Capital de giro e quais são as ferramentas utilizadas para analisá-lo e proceder seu gerenciamento.

No quarto capítulo dados coletados através de entrevistas em três empresas brasileiras situadas em Caxias do Sul, a respeito do Capital de Giro que tiveram afetado em reflexo a crise.

No quinto e último capítulo, estão as principais análises e conclusões geradas com base no estudo realizado.

## 2 CRISE 2008

### 2.1 CONCEITO

No primeiro momento será apresentada a crise *subprime* quais foram seus reflexos no mundo e no Brasil. Como ficou a situação das entidades (empresas ou pessoas) em relação à necessidade de crédito no período. E quais as medidas tomadas pelos governos no exterior e o governo brasileiro.

Em seguida serão apresentados os indicadores para análise de capital de giro das empresas. Já que nesta situação foi o recurso mais afetado pelas empresas.

### 2.2 CRISES

Frente à situação econômica que se desenrola no ano em curso, pode-se ver que alguns países Europeus estão á beira de um colapso, mas não é de hoje que os países estão enfrentando problemas financeiros.

Os Estados Unidos ainda estão tentando se reerguer da crise que atingiu seriamente a economia. Assim verifica se em um âmbito mais regional algumas empresas que não conseguem arcar com suas dívidas, e isso em alguns casos ocorre devido ao cenário que houve com a crise financeira.

O mundo está tão globalizado que qualquer ameaça de um colapso econômico em algum país pode colocar todo sistema em risco, e muitas vezes por mais que se possa acreditar que algo não irá ser afetado nem sempre há como garantir estabilidade (GONTIJO E OLIVEIRA,2011, p.2)

Fato que evidência como algo externo pode afetar toda uma economia estável como o Brasil, e desestruturar todo o capital de giro de empresas em apenas alguns meses e fazer com que isso se torne uma situação permanente.

E como o Capital de giro é algo essencial para empresa e pode sofrer mudanças por conta da economia instável conforme Assaf Neto e Silva (1999, p. 14):

A importância e o volume do capital de giro para uma empresa são determinados principalmente pelo volume de vendas, o qual são lastreados pelos estoques, valores a receber e caixa; sazonalidades, dos negócios, que determina variações nas necessidades de recursos ao longo tempo; fatores cíclicos da economia, como recessão, comportamento do mercado etc.

Esta, como toda crise, deixa uma série de lições que o governo e as empresas podem se utilizar para estarem melhor preparadas para se futuramente passarem por uma situação como esta:

[...] a crise, novamente gerada pelo excesso de criação de riqueza financeira em relação a real – e no caso atual numa amplitude inusitada *vis-a-vis* as anteriores e disseminada pelo mundo globalizado – costuma cobrar um preço cada vez mais alto para sua solução [...] (GONTIJO e OLIVEIRA, 2011 p. 3).

Como o mundo em sua maior parte é capitalista e cada vez mais busca gerar riquezas e bens para o consumo, isso leva a ter cada vez mais períodos de recessão, e também surge com isso a ideia de existir um sistema financeiro mais controlado e com maiores regulamentações.

Dessa forma, as novas regras para o funcionamento dos sistemas financeiros parecem caminhar para um aperfeiçoamento do Acordo de Basileia II em âmbito global, naquilo que vem sendo chamado de "auto regulação supervisionada", com alguma regra sobre o grau de alavancagem, testes de estresse para novos instrumentos e governança corporativa que reflete as responsabilidades fiduciárias das instituições financeiras (CINTRA E FARHI, 2008, p. 15).

Mesmo que as pessoas muitas vezes não tenham interesse em saber sobre economia ou até mesmo política, estão enganadas, pois crises como estas acabam por afetar a todos, a grandes taxas de desemprego, dificuldade de conseguir empréstimos, e quando se tem recessão no mercado as empresas diminuem muito o faturamento e num mercado que não está aquecido não há de ter um bom desempenho.

Em vistas destes fatos o assunto pesquisado ira ajudar a entender o que levou a crise se alastrar e se tornar mundialmente sentida e como ficou a situação em algumas empresas brasileiras.

### 2.3 RAÍZES DA CRISE FINANCEIRA

O mundo financeiro já passou por diversas crises, e a cada ano que passa tem aumentado sua frequência desde 1970, 124 crises bancárias sistêmicas, 208 crises cambiais e 63 episódios de não pagamento de dívida soberana (ASSESSORIA TÉCNICA DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2009, p. 2).

A mais recente foi à crise ocorrida em 2008 que levou o nome de *subprime*. O nome se deve ao fato de ser concedido crédito imobiliário a clientes de alto risco, aqueles com grande chance de não efetuar o pagamento que nos Estados Unidos ficaram conhecidos como "ninja" (sigla em inglês para "sem renda, sem trabalho, sem bens") conforme Gontijo e Oliveira (2011, p. 40). Já que as hipotecas *prime* foram concedidas aos bons pagadores.

Alguns fatores que contribuirão para o inicio da crise *subprime* foi bolha da Internet ao final de 2000, o *FED* (em inglês, *Federal Reserve System*, mais conhecido como Federal Reserve e, informalmente, como *The FED*) começou a cortar a taxa de fundos federais de 6,5% até alcançar 1% em julho de 2003, declarada a taxa mais baixa em 50 anos, fato que contribuiu para a formação da bolha imobiliária (NASCIMENTO APUD SOROS, 2008 p.36).

As bolhas de crédito e de construção residencial reforçam-se mutuamente. Os tomadores de recursos continuam a procurar fundos para por um pé na escada residencial, confiantes de que o valor das propriedades, que estavam adquirindo, continuaria a se elevar. Os emprestadores assumiam que os preços dos imóveis continuariam a aumentar em face da forte demanda (MIZEN APUD GONTIJO E OLIVEIRA 2011, p.41).

Mas esta facilidade de imóveis bem valorizados e taxas baixas e casas algumas vezes até três vezes hipotecadas não duraram muito conforme Nascimento (*apud* Berner, 2011, p. 45) “a queda dos preços dos imóveis a partir do verão de 2006 se deve ao crescimento da oferta resultante da própria elevação de preços no período anterior, que resultou em excesso de oferta, pressionando os preços para baixo”.

Um dos fatos que contribuiu para chegar a esse ponto foi devido à alavancagem financeira iniciada no início dos anos 90, com a facilidade de crédito que as pessoas tinham, e mais meios de conseguir empréstimos hipotecários levou ao aumento da inadimplência referente a dívidas hipotecárias, tidas como ativos de alto risco, combinadas com o aumento na taxa de juros, desvalorização dos imóveis e desregulamentação financeira, contribuíram para o advento da crise (NASCIMENTO APUD BEZEMER, 2010).

Conforme Gontijo e Oliveira (2011, p. 3):

[...] as origens dos créditos hipotecários, que a deflagrou, e a rede financeira especulativa que se formou especialmente a partir da década de 1990 e que se valeu desse papel tóxico para multiplicar, num capitalismo desregulado, a riqueza financeira fictícia, cujo edifício desabou com a queda dos preços dos imóveis – a base que sustentava essa pirâmide – e o aumento da inadimplência dos mutuários, causando perdas trilionárias do crédito para as instituições com ele envolvidas e conduzindo o sistema para uma situação de derretimento [...].

Neste cenário sem crédito para qualquer empresa ou pessoa, o país se viu paralisado, pois numa situação onde a desconfiança é gerada todos ficam sem crédito conforme Gontijo e Oliveira (2011, p. 2) “Se o crédito, oxigênio da produção, dos investimentos e do consumo, deixa de fluir e lubrificar esses circuitos, a economia “real” perde forças e vai sendo empurrada, inexoravelmente, para a recessão”.

Com o problema do crédito em vista as instituições bancárias se viram com títulos sem valor, já que a venda e compra entre as instituições não estava sendo feita com todo o vigor uma grande variedade de instituições financeiras frouxamente reguladas e displicentemente supervisionadas passou a constituir a contraparte da transferência de riscos de crédito do sistema bancário e a carregar riscos crescentes (CINTRA E FARHI, 2008, p. 35).

Um dos grandes marcos desta crise, foi à falência do banco Lehman Brothers, pois o governo americano manteve seus cofres abertos para tentar salvar as instituições financeiras, mas quando o governo parou e fechou os cofres veio à repercussão conforme Gontijo e Oliveira (2011, p. 68). Lehman Brother, o quarto maior banco de investimentos dos EUA, faltou oxigênio para os que ainda resistiam à sua queda.

Mas o que começou nos Estados Unidos não parou por lá e a quebra de bancos de grande importância, fez com que o mundo todo sentisse as consequências disso em 2009, no qual se iniciou pela Europa e pelo resto do mundo os avisos de demissões em massa de multinacionais como *Nextel*, *GM*, *Microsoft*, *Motorola* (GONTIJO E OLIVEIRA 2011, p. 105). E fora as pequenas empresas que muitas nem conseguiram se restabelecer após a crise e tiveram que fechar as portas.

Para a crise ter um fim e as empresas podem começar a se restabelecer foi preciso muita ajuda dos governos.

Mesmo que, sob o impacto dos “megapacotes” de resgate do sistema financeiro, envolvendo injeções de liquidez, cortes dos juros, renúncia tributária, ampliação dos gastos públicos e estatização de instituições financeiras, o processo recessivo em curso seja superado num espaço de tempo razoável, ainda assim os efeitos da crise econômica internacional serão profundos e duradouros. Mais importante, no entanto, nessa conclusão, do que avaliar os estragos que com ela serão – e continuam sendo – produzidos do ponto de vista estritamente econômico e financeiro para a economia global, é procurar compreender o que os seus resultados podem representar para a ordem econômica estabelecida e para o reordenamento do modo de produção capitalista (GONTIJO e OLIVEIRA, 2011, p.149).

O governo buscou meios de minimizar a crise *subprime*, claro que a crise internacional pode não ter terminado como ainda se acompanha, mas a crise do crédito conseguiu trazer grandes ensinamentos, para população, empresas e claro o governo.

## 2.4 O BRASIL NA CRISE

No Brasil, as empresas apresentaram crescimento nos primeiros três trimestres de 2008, contudo, a crise financeira passou a afetar a economia brasileira a partir do quarto trimestre de 2008 e perdurou até fevereiro de 2009 (BRASIL, 2010).

As notícias no período de agosto a setembro de 2008, não eram outras no Brasil, a não ser os problemas econômicos enfrentados pelos Estados Unidos e a expressão mais utilizada era “a crise financeira mundial”.

O despertar da crise no Brasil foi demorado às autoridades demoraram a reconhecer que o Brasil não conseguiria passar desse momento sem sentir as consequências, (GONTIJO E OLIVEIRA, 2011, p. 111):

Nem mesmo as novas ondas de choque que abalaram os mercados financeiros globalizados no início de 2008, na sequência da divulgação das perdas dos bancos norte americanos, provocando dramáticos cortes da taxa básica de juros pelo *Fed*, nem os novos *crashes* causados pela quebra do *Bear Stearns* em março de 2008, chegaram a abalar o otimismo brasileiro (SOROS, 2008, p. 20).

O país vinha de um período de grande crescimento e o governo não queria acabar com essa expectativa de maiores avanços, o presidente da época Luiz Inácio Lula da Silva até em uma entrevista justificou “Ela (a crise) é de lá (dos EUA), um *tsunami*, e aqui vai chegar uma marolinha, que não vai dar nem para esquiar” (Ceolin, Folha de São Paulo, 22/10/2008, p. B1).

Mas a opinião dos governantes muda, e o cenário não estava nada positivo, causado por nova suspensão de regate de fundos de investimentos, pelo anúncio do UBS que sofreria queda em seus resultados e notícias negativa em relação ao mercado imobiliário americano (GONTIJO E OLIVEIRA, 2011, p. 112).

O país também estava mostrando seus problemas às perdas da Bovespa já chegavam aos R\$ 209,7 bilhões, referentes à saída de US\$200 milhões de capital estrangeiro investido no Brasil, a elevação do dólar para R\$ 2, 13, da queda do preço de *commodities*, e da elevação de mais de 50% no risco país. Nisso o ministro Guido Mantega anunciaria “Esse é um momento de maior turbulência. Estamos no olho do furacão. E, no olho do furacão, as coisas parecem piores” (NASCIMENTO *apud* Folha de São Paulo, 17/08/2007, p. B1).

Os principais compradores do Brasil tiveram uma severa desaceleração nas suas economias. Além disso, as empresas exportadoras que efetuaram operações de arbitragem considerando a manutenção de um Real apreciado foram muito afetadas pela significativa desvalorização da taxa de câmbio, concorrendo para a diminuição no ritmo de crescimento das exportações.(BRASIL,2010).

No Brasil as primeiras ações do governo em relação à crise foram à redução de impostos dos carros e de materiais de construção, e o pacote de incentivo imobiliário Minha casa, Minha vida, que fez com que a economia não entrasse em recessão e a população continuasse com o consumo.

De acordo com Canineu e Naves (2009):

Embora ainda não esteja claro o impacto da crise na própria economia brasileira, uma vez que vivenciamos nos últimos anos períodos promissores de crescimento e desenvolvimento, é possível apontar possíveis repercussões da crise no terceiro setor. O impacto imediato é justamente a crise de financiamento. A diminuição dos incentivos e retração das doações na área social, provenientes de agentes internacionais ou nacionais, é realidade imediata em épocas de crise econômica. As empresas repensam suas políticas de destinação de recursos, o que significa menor financiamento para o “setor voluntário”.

Em vista que o governo começou a visualizar a crise se adentrando no país e as empresas brasileiras ficando sem meios de conseguir capital de giro o Banco Central além da redução dos compulsórios ampliou o prazo, em cerca de dez dias, do pagamento de tributos pelas empresas (IPI, PIS/COFINS, IR retido na fonte e Contribuições previdenciárias) (NASCIMENTO, 2011, p. 132).

A tradicional dependência brasileira de produtos estrangeiros (insumos industriais e bens de capital), que costuma causar desequilíbrio na balança comercial, contribuiu para os credores externos cautelosamente manterem os prazos curtos nos financiamentos para o Brasil. As compras externas com pagamento à vista representaram 14,76% das importações brasileiras e as com financiamento até 180 dias, 63,04%, (BRASIL, 2010).

E procurando suprir os bancos com créditos para fornecimento de empréstimos repassou para o BNDES R\$ 10 milhões para realização de empréstimo de capital de giro, pré-embarque (exportações) e empréstimo de ponte para empresas com projetos (GONTIJO e OLIVEIRA, 2011 p. 132).

Apesar de muitos “pacotes” serem criados para o estímulo da economia e para o país não entrar numa recessão ainda havia alguns pontos que não haviam sido alterados como os juros foram mantidos pelo Banco Central, como descreve Gontijo e Oliveira (2011, p. 140) aumentando consideravelmente a distancia do País de seus concorrentes de ranking das economias com taxas reais mais elevadas do planeta.

Como se pode visualizar na figura 1, em 2009, na comparação com o ano anterior, o valor médio das dívidas com cartões de crédito e financeiras tiveram queda de 5% (SERASA, 2010). Os cheques sem fundos, os títulos protestados e as dívidas com os bancos registraram crescimento de 43%, 14,5%, 1,3%, respectivamente.

FIGURA 1 – Modalidades de inadimplência

Modalidades de Inadimplência	Valor médio das dívidas Jan-Dez / 08	Valor médio das dívidas Jan-Dez/ 09	Variação
Cartões de Crédito e Financeiras	R\$ 395,24	R\$ 375,29	-5%
Cheques sem Fundos	R\$ 713,98	R\$ 1.020,76	43%
Títulos Protestados	R\$ 967,60	R\$ 1.107,78	14,5%
Dívidas com os Bancos	R\$ 1.336,04	R\$ 1.353,22	1,3%

Fonte: Serasa Experian.

Conforme Ázara, Passanha e Ázara (2010), o custo do crédito começou a aumentar, por causa da dificuldade de captação externa, pois anteriormente os bancos captavam recursos no exterior a custo menor, mas diante do agravamento da crise nos EUA passam a recorrer aos recursos no mercado interno.

Conforme os autores anteriormente citados o Banco Central do Brasil adotou medidas no sentido de tentar aumentar a liquidez, como redução de depósitos compulsórios (dinheiro que os bancos são obrigados a deixar depositados no Banco Central) no total de R\$ 99,8 bilhões durante a crise; estímulos para que grandes bancos adquirissem carteiras de médios e pequenos; uso das reservas internacionais em linhas de crédito; autorização de comprar, para bancos oficiais, de ações de instituições financeiras privadas sem licitações; venda de dólares das reservas internacionais.

Segundo o Dossiê da Crise os efeitos da crise sobre a economia brasileira acabaram por “enterrar” a tese do descolamento dos países emergentes, observa-se de imediato a fragilidade financeira do setor privado como resultado direto da crise, às voltas com um elevado endividamento.

### 3 CAPITAL DE GIRO

No Brasil administrar se tornou um dos maiores desafios, devido à globalização, e os sucessivos solavancos econômicos, as elevadas taxas de juros, a faltas de incentivos fiscais e a grande concorrência do mercado, as empresas se obrigam a se aperfeiçoarem na questão gerencial. Seguindo a ideia de Barreto (2008, p. 2).

Diante da ameaça de perda de mercado, as organizações buscaram alternativas gerenciais que as mantivessem competitivas. Daí a grande procura por programas de Qualidade Total, Reengenharia ou quaisquer outros sistemas que as auxiliassem em sua colocação dias da competitividade mundial.

No processo de planejamento e controle as empresas precisam obter as informações necessárias para conseguir ter um controle interno e externo, e dentre esses processos pode-se encontrar o capital de giro.

A administração do capital de giro encontra-se inserida no contexto decisorial das finanças das empresas, permitindo melhor entendimento de como as organizações geram, aplicam e gerenciam seus recursos financeiros (ASSAF NETO E SILVA 2002, p. 14).

O capital de giro tem grande importância nas empresas, ele contribui relevantemente para o desempenho operacional dela. Por isso a administração é de grande importância conforme Assaf Neto e Silva (2002, p. 13) uma administração inadequada do capital de giro resulta normalmente em sérios problemas financeiros, contribuindo efetivamente para a formação de uma situação de insolvência.

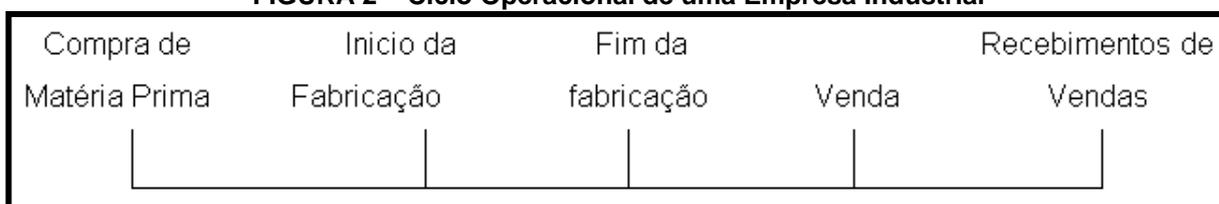
[...] capital de giro representa grande parte do total de ativos das empresas e, portanto exige um esforço maior do administrador do que aquele requerido pelo capital fixo. Porém, enquanto os ativos fixos geram produtos, cujas vendas propiciam a recuperação dos custos e despesas e o surgimento dos lucros, os ativos circulantes constituem aplicações de recursos de baixa rentabilidade, mas necessárias à sustentação das atividades operacionais da empresa, o que evidencia a importância de sua gestão de maneira coerente e ajustado ao negócio (GIRALDI, 2008, p. 24).

O capital de giro é utilizado pelas empresas para conseguir manter o ciclo operacional, ou seja, a empresa tenha o dinheiro necessário para conseguir se

manter desde a compra da matéria prima até o recebimento do cliente, que em cada empresa possui seu ciclo próprio podendo ser em questão de dias ou até meses. Assaf Neto e Silva (2002, p. 15).

“Período durante o qual a empresa gasta dinheiro para comprar bens ou serviços utilizados para produzir mercadorias, que são vendidas aos clientes, que pagam fornecendo caixa para começar o ciclo novamente.” (HOJI, 2001, p.27). Como se pode visualizar na figura 2.

**FIGURA 2 – Ciclo Operacional de uma Empresa Industrial**



Fonte: Assaf Neto e Silva, 2002, p. 19.

A figura 2 demonstra o ciclo de uma empresa desde a compra de matéria prima para produção (no caso de uma indústria) até o recebimento de sua venda do produto final.

Conforme Assaf Neto e Silva (2002, p. 19):

Cada uma das fases operacionais retratadas apresenta determinada duração. Assim a compra de matérias primas denota um prazo de estocagem; a fabricação, o tempo que se despenda para transformar os materiais em produtos acabados; os produtos acabados; o prazo necessário à venda; e o recebimento, o período de cobrança das vendas realizadas a prazo. Evidentemente, de acordo com as características operacionais da empresa, uma ou mais dessas fases podem não existir. Por exemplo, se as vendas são realizadas somente a vista, o prazo médio de cobrança é considerado nulo. Da mesma forma, empresas que produzem somente sob encomenda não apresentam prazo de estocagem de produtos acabados, e assim por diante.

Conforme Assaf Neto e Silva (2002) o termo giro se refere aos recursos de curto prazo da empresa, aquelas fontes que podem ser convertidas em caixa no máximo de um ano e esta ligada diretamente às fontes que as empresas precisam para financiar seu crescimento e para Vieira (2008) é comumente definida como o montante investido no ativo circulante (caixa, bancos, aplicações financeiras, estoques e contas a receber). O capital de giro ou capital circulante este normalmente representado pelos valores das disponibilidades do ativo e principalmente pelas contas a receber e estoque.

O maior objetivo do capital de giro é manter a rentabilidade e a liquidez. Conforme Assaf Neto e Silva (2002, p. 15):

A administração do capital de giro diz respeito à administração das contas dos elementos de giro, ou seja, dos ativos e passivos correntes (circulante), as inter-relações existentes entre eles. Neste conceito, são estudados fundamentalmente o nível adequado de estoques que a empresa deve manter, seus investimentos em crédito e cliente, critérios de gerenciamento do caixa e a estrutura dos passivos correntes, de forma consistente com os objetivos enunciados pela empresa e tendo por base a manutenção de determinado nível de rentabilidade e liquidez.

Para atingir esse objetivo de resultados existem vários instrumentos para atingir este fim. Entre eles está o cálculo do capital circulante líquido, o capital de giro próprio e de grande utilidade às análises de liquidez.

### 3.1 CAPITAL CIRCULANTE LÍQUIDO (CCL)

Seguindo a ideia de Vieira (2008) o capital circulante líquido é definido pela diferença do ativo circulante e o passivo circulante (figura 3). Este cálculo (figura 3) reflete a folga financeira da empresa. Ou seja, de um modo mais simplista se a empresa precisasse liquidar suas dívidas no momento, quanto ela conseguiria arcar só com seu ativo disponível.

**FIGURA 3 – Cálculo Capital Circulante Líquido**

$$\text{CCL} = \text{ATIVO CIRCULANTE} - \text{PASSIVO CIRCULANTE}$$

Fonte: Assaf Neto e Silva, 2002, p. 16.

Conforme Assaf Neto e Silva (2002, p. 16) Com este cálculo pode-se verificar se o capital circulante líquido em questão está negativo ou positivo. Ou seja, se houver um CCL negativo revela que a empresa está usando recursos passivos correntes para financiar seus investimentos permanentes. A folga financeira é negativa pela presença de exigibilidade de curto prazo financiando aplicações com prazo de retornos maiores. Em outras palavras, parte da dívida da empresa tem prazo de resgate menor que o retorno da aplicação destes recursos.

Algumas empresas ainda se utilizam do capital de giro próprio (figura 4) que é apurado pela diferença entre o patrimônio líquido e o ativo permanente mais o realizável em longo prazo.

**FIGURA 4 – Cálculo do Capital de Giro Próprio**

$$\text{CAPITAL DE GIRO PRÓPRIO} = \text{PATRIMÔNIO LÍQUIDO} - (\text{ATIVO NÃO CIRCULANTE} + \text{ATIVO NÃO CIRCULANTE})$$

Fonte: Assaf Neto e Silva, 2002, p. 18.

Esta medida revela os recursos próprios das empresas que estão financiados suas atividades correntes (ativo circulante). Ele acaba sendo um indicador limitado por ter a ideia principal de indicar a natureza do recurso de longo prazo.

As empresas que costumam operar com estes indicadores são as instituições financeiras e as empresas públicas já que serve para avaliar sua posição de liquidez. Com isso admitem que o ativo permanente, esta sendo financiado pelo patrimônio líquido, somente ocorrendo capital de giro próprio positivo.

### 3.2 ANÁLISE DA LIQUIDEZ

A liquidez evidência a quantidade de recursos do ativo circulante em relação às obrigações da empresa em determinado período, mas claro pode-se ter empresas que apresentam um capital circulante líquido abaixo ou negativo e tem uma situação boa de liquidez de caixa. Na opinião de Assaf Neto e Silva (2002, p. 29) “Em principio quanto maior for este valor, melhor será a posição de liquidez de curto prazo da empresa, ou seja, maior se apresenta sua folga financeira”.

Para Agustini (1999, p. 35):

Os indicadores de liquidez medem a capacidade de uma empresa de pagar suas dívidas exigíveis no prazo de até um ano, que engloba todas as obrigações do ativo conversíveis. São indicadores muito utilizados pelos profissionais de créditos e vendas, principalmente nas decisões de venda a prazo e empréstimo em geral.

Os tipos de liquidez apresentadas são:

- Liquidez geral (figura 5) - Este índice leva em consideração a situação em longo prazo da empresa, incluindo no cálculo os direitos e obrigações em longo prazo. Estes valores também são obtidos no balanço patrimonial.

**FIGURA 5 – Cálculo da Liquidez Geral**

$$\frac{(\text{Ativo Circulante} + \text{Realizável a longo prazo})}{(\text{Passivo Circulante} + \text{Passivo Não Circulante})}$$

Fonte: Assaf Neto e Silva, 2002, p. 30.

- Liquidez Imediata (figura 6) – Identifica a capacidade da empresa em saldar seu compromisso utilizado unicamente do seu saldo disponível, sendo assim representa o percentual que a empresa pode saldar das dívidas correntes imediatamente.

**FIGURA 6 – Cálculo da Liquidez Imediata**

$$\frac{\text{Disponível}}{\text{Passivo Circulante}}$$

Fonte: Assaf Neto e Silva, 2002, p. 30.

- Liquidez seca (figura 7) – mede o percentual das dívidas de curto prazo em condições de serem liquidadas mediante ativos monetários de maior liquidez. O valor ideal desse índice depende do setor em que a empresa atua e de suas características operacionais. Por exemplo, uma empresa com forte sazonalidade em suas vendas terá um índice de liquidez seca baixo no período em que precisa carregar altos volumes de estoques, sem que isso represente um sinal de ameaça para seu quadro financeiro.

**FIGURA 7 – Cálculo da Liquidez Seca**

$$\frac{(\text{Ativo Circulante} - \text{Estoques})}{\text{Passivo Circulante}}$$

Fonte: Assaf Neto e Silva, 2002, p. 30.

Liquidez corrente (figura 8) – Identifica, para cada R\$ 1,00 de dívida de curto prazo, quanto à empresa mantém em seu ativo circulante. Como esse índice considera todos os valores incluídos no ativo circulante, ele não faz diferenciação sobre a qualidade dos componentes desse ativo. Em outras palavras, atribui aos estoques a mesma liquidez de caixa, bancos e aplicações financeiras de curto prazo, ou seja, os estoques, em caso de necessidade, seriam prontamente transformados em dinheiro.

**FIGURA 8 – Cálculo da Liquidez Corrente**

$$\frac{\text{Ativo Circulante}}{\text{Passivo Circulante}}$$

Fonte: Assaf Neto e Silva, 2002, p. 31.

Cada empreendimento possui estrutura ótima de composição de recursos e não existem regras fixas. A natureza do endividamento, as taxas de juros e as despesas reais de financiamento, quando comparadas com o retorno que tais recursos têm uma vez investidos no ativo, em confronto com os custos alternativos do que o nível absoluto de tais quocientes em determinados momentos (IUDICIBUS, 1998, p. 83).

Utilizando-se desses indicadores, podem ser obtidos os resultados que precisam ser melhorados ou aqueles que devem ser mantidos.

### 3.3 FLUXO DE CAIXA

Uma boa administração de uma empresa requer um bom controle de suas despesas financeiras e para isso ser possível, é preciso utilizar ferramentas adequadas como, por exemplo, o controle do fluxo de caixa. Com o fluxo de caixa a

empresas conseguem ter dimensão de todos seus compromissos e com isso consegue buscarem maximização de seus lucros.

Mas para um bom funcionamento de uma ferramenta como esta é importante um acompanhamento permanente, para conseguir avaliar seu desempenho e também promover ajustes e correções necessárias.

O conceito de fluxo de caixa pode ser descrito como o controle de entradas e saídas de recursos financeiros em um determinado período (AGUSTINI,1999). Também pode ser utilizado para atender a administração do capital de giro das necessidades do curto prazo, e também a do longo prazo para aquisições do ativo permanente.

O fluxo de caixa é de fundamental importância para as empresas, constituindo-se numa indispensável sinalização dos rumos financeiros dos negócios. Para se manterem em operação, as empresas devem liquidar corretamente seus vários compromissos, devendo como condição básica apresentar o respectivo saldo em seu caixa nos momentos dos vencimentos. A insuficiência de caixa pode determinar cortes nos créditos, suspensão de entregas de materiais e mercadorias, e ser causa de uma séria descontinuidade em suas operações (ASSAF NETO E SILVA, 2002, p. 35).

É preciso destacar que o fluxo de caixa não é necessário apenas para empresas com prejuízos, para melhorar o período de falta de recursos, mas sim também para empresas lucrativas que podem apresentar problemas de caixa devido a seu ciclo operacional. E problemas de caixa também podem surgir com o lançamento de novos produtos, fase de expansão da atividade, modernização.

Dado o dinamismo das mutações do capital de giro, adequá-los as necessidades quantitativas e qualitativas poderá representar a diferença entre liquidez e insolvência, crucial na gestão do dia-a-dia da empresa, ou ainda, entre o lucro e o prejuízo, essencial para a manutenção dos negócios (AGUSTINI,1999, p. 54).

O fluxo de caixa tem uma abrangência muito grande dentro de uma empresa basta saber qual a finalidade que se deseja obter.

### 3.4 ABRANGÊNCIA DO FLUXO DE CAIXA

Tendo em vista que o fluxo de caixa não deve ser apenas focado na área financeira, mas também ter o comprometimento em vários setores dentro das empresas conforme (ASSAF NETO E SILVA, 2002, p. 41).

- A área de produção, ao promover alterações nos prazos de fabricação dos produtos, determina novas alterações nas necessidades de caixa. De forma idêntica, os custos de produção têm importantes reflexos sobre o caixa;
- As decisões de compras devem ser tomadas de maneira ajustadas com a existência de saldos disponíveis de caixa. Em outras palavras, deve haver preocupação com relação à sincronização dos fluxos de caixa, avaliando-se os prazos concedidos para pagamento das compras com aqueles estabelecidos para recebimentos de vendas;
- Políticas de cobrança mais ágeis e eficientes, ao permitirem colocar recursos financeiros mais rapidamente à disposição da empresa, constituem-se em importante reforço de caixa;
- A área de vendas, junto com a meta de crescimento da atividade comercial, deve manter um controle mais próximo sobre os prazos concedidos e hábitos de pagamento dos clientes, de maneira a não pressionar negativamente o fluxo de caixa. Em outras palavras, é recomendado que toda decisão envolvendo o processo de vendas deve ser tomada somente após uma previa avaliação de suas implicações sobre os resultados de caixas;
- A área financeira deve avaliar criteriosamente o perfil de seu endividamento, de forma que os desembolsos necessários ocorram concomitantemente à geração de caixa da empresa.

### 3.5 REDUÇÃO NA NECESSIDADE DE CAPITAL DE GIRO

Algumas empresas para conseguirem manter seu fluxo de caixa necessitam buscar fontes de capital de giro muitas vezes utiliza-se de fontes de terceiros,

conforme Agustini, (1999, p. 44) algo que deve ser analisado “e a relação existente entre o custo do capital de giro e a rentabilidade proporcionada em sua operação”.

Mas algumas vezes é apenas necessária à verificação do ciclo operacional, verificar se os prazos de pagamento de compras e recebimento de vendas esta de acordo com o mercado. E algumas vezes alterações desses prazos podem ser conseguidas a partir de negociações com fornecedores e clientes.

Apenas o encurtamento do prazo de produção ou estocagem pode fazer mudanças significativas e duradouras sobre o ciclo financeiro da empresa. Essas medidas, entretanto, estão fora do escopo da área financeira, exigindo o concurso das áreas técnicas, como de produção, operação ou logística para sua implementação (LIMA, 2012).

Conforme Lima (2012) a busca por capital de giro pelas empresas pode ser resultado de:

- má administração da empresa em diversas áreas elevando demais os custos fixos;
- sazonalidade das vendas;
- ciclo operacional e ciclo financeiro muito longo;
- excesso de inadimplência por parte de clientes;
- empréstimos e financiamentos obtidos a custo muito elevado.

#### 4 EMPRESAS BRASILEIRAS NA CRISE

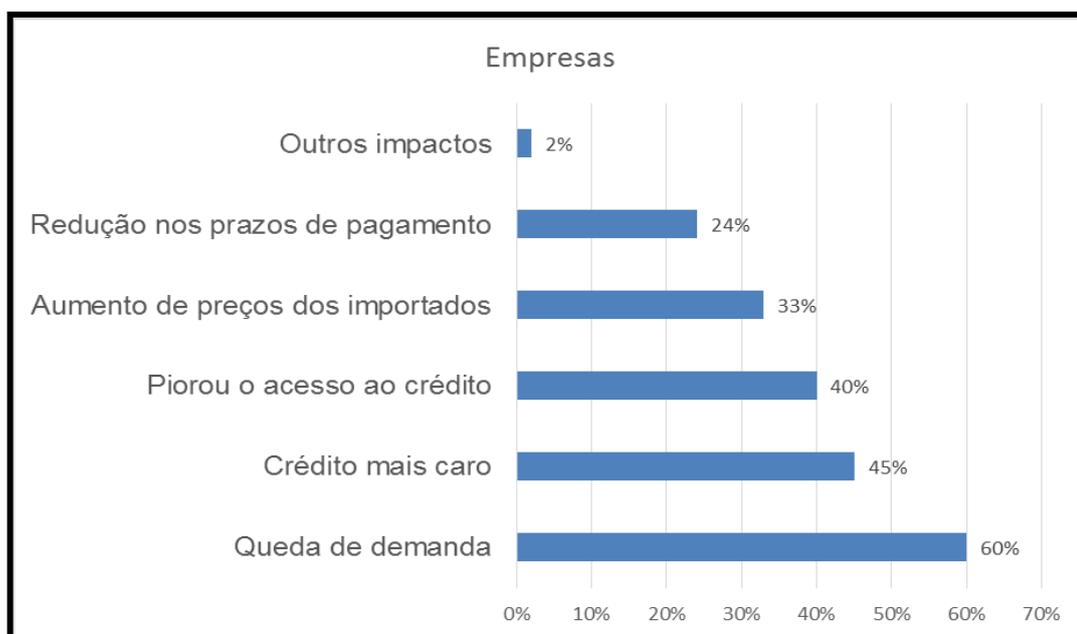
Um grande número de empresas brasileiras em 2008 passou por dificuldades financeiras além do fato do mercado entrar em retração também se pode citar a falta de crédito vindo do exterior.

Tal como verificou no resto do mundo, o Brasil, atingido principalmente pela exaustão do crédito e pela desconfiança dos investidores no sistema, começaria a rumar novamente, numa velocidade de cruzeiro, para uma situação de baixo crescimento, que marcou o período de 1980-2006, ou mesmo para uma recessão (GONTIJO e OLIVEIRA, 2011, p. 4).

As empresas brasileiras sem crédito perderam sua capacidade de produção conforme Aníbal Junior (2012), uma empresa em crise seria aquela que se encontra incapaz de gerir seu próprio fomento, e muito menos, ao risco que oferece, de conseguir empréstimo e disposição de verbas para que se reerga.

Conforme uma pesquisa do SEBRAE realizada na época, se visualiza no quadro 1 quais foram os principais problemas enfrentados pelas empresas:

**QUADRO 1 – Os impactos causados pela crise internacional**



Fonte: SEBRAE/SP, (2009).

E fora os principais problemas (quadro 1) se podem ter uma ideia quais foram os setores mais afetados entre o comércio, indústria e prestadores de serviços.

**QUADRO 2 – Os impactos causados pela crise internacional por setor**

	<b>Indústria</b>	<b>Comércio</b>	<b>Serviços</b>	<b>Média Geral</b>
Queda de demanda	64%	64%	53%	60%
Crédito mais caro	47%	49%	36%	45%
Piorou o acesso ao crédito	43%	43%	31%	40%
Aumento de preços dos importados	33%	36%	26%	33%
Redução nos prazos de pagamento	23%	27%	18%	24%
Outros impactos	3%	2%	3%	2%

Fonte: SEBRAE/SP, 2009.

A falta de crédito impede as firmas de investirem e mesmo de obterem o capital de giro necessário aos negócios cotidianos. As encomendas de insumos são suspensas e os trabalhadores demitidos. As dificuldades de pagamento das dívidas já assumidas levam às vendas de ativos que alimentam a deflação de preços. Não se conhece, nestas circunstâncias, onde está o “fundo do poço”, ou até onde a queda de preços irá. Todo mundo quer dinheiro. Para pagar créditos assumidos, em contrapartida de vendas que se tornam difíceis, para tocar os negócios do dia a dia, para se garantir contra o futuro etc. (DOSSIÊ DA CRISE).

Com esta falta de crédito que se alastrou pelas empresas brasileiras pode-se verificar as medidas tomadas pelo governo (conforme o gráfico 1) e quais os benefícios que trouxeram para as empresas brasileiras.

**QUADRO 3 – Medidas do governo brasileiro para conter a crise**

<b>Crise</b>	<b>Ação do Governo</b>	<b>Resultados</b>
QUEDA DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL DE INSUMOS DA CONSTRUÇÃO CIVIL DE OUTUBRO/2008 A FEVEREIRO/2009.	AUMENTO DE R\$ 7 MIL PARA R\$ 25 MIL NO LIMITE DE EMPRÉSTIMO PARA COMPRA DE MATERIAL DE CONSTRUÇÃO. DISPONIBILIZAÇÃO, EM NOVEMBRO DE 2008, DE CRÉDITO DE R\$ 2 BILHÕES PARA ESTIMULAR O CONSUMO EM DIVERSOS SETORES, INCLUINDO O DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO.	AUMENTO DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL DE INSUMOS DA CONSTRUÇÃO CIVIL EM 2009, APESAR DE AINDA APRESENTAR NÍVEIS MENORES QUE NO MESMO PERÍODO DE 2008.
QUEDA DAS VENDAS REAIS DE CARROS NACIONAIS A PARTIR DO FINAL DE JULHO ATÉ DEZEMBRO DE 2008 E DE VEÍCULOS, MOTOS E AUTOPEÇAS DE JULHO A NOVEMBRO DE 2008.	AUMENTO DA OFERTA DE CRÉDITO PARA O SETOR AUTOMOTIVO; ISENÇÃO DO IPI DE CARROS DE MOTOR 1.0 E DO IOF NOS FINANCIAMENTOS DE MOTOCICLETAS, MOTONETAS E CICLOMOTORES.	TENDÊNCIA DE AUMENTO DAS VENDAS DE CARROS NACIONAIS DE JANEIRO A OUTUBRO DE 2009; E DAS VENDAS DE VEÍCULOS, MOTOS E AUTOPEÇAS A PARTIR DE DEZEMBRO DE 2008.
QUEDA NA PRODUÇÃO DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS A PARTIR DE OUTUBRO DE 2008 ATÉ FEVEREIRO DE 2009.	ANTECIPAÇÃO DE CRÉDITO DE R\$ 5 BILHÕES PARA FINANCIAMENTO DA SAFRA AGRÍCOLA.	A PRODUÇÃO DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS EM 2009, QUE INDICA O NÍVEL DE ATIVIDADE ECONÔMICA NA AGRICULTURA, FOI INFERIOR À PRODUÇÃO MENSAL DE 2008, EXCETO EM DEZEMBRO. A RESTRIÇÃO AO CRÉDITO, A DIMINUIÇÃO DA PROCURA MUNDIAL POR PRODUTOS AGRÍCOLAS E A CONSEQUENTE QUEDA DOS PREÇOS DAS COMMODITIES AGRÍCOLAS EXPLICAM A TÍMIDA RECUPERAÇÃO DO SETOR.
VENDAS REAIS NO VAREJO DE SETEMBRO A DEZEMBRO DE 2008 INFERIORES ÀS VENDAS NO MESMO PERÍODO DE 2009.	DISPONIBILIZAÇÃO, EM NOVEMBRO DE 2008, DE CRÉDITO DE R\$ 2 BILHÕES PARA ESTIMULAR O CONSUMO EM DIVERSOS SETORES, INCLUINDO O DE MÓVEIS E ELETRODOMÉSTICOS; REDUÇÃO DO IPI DE FOGÕES, GELADEIRAS, LAVADORAS E TANQUES EM ABRIL DE 2009.	AUMENTO DAS VENDAS A PARTIR DE NOVEMBRO DE 2008; NOS TRÊS ÚLTIMOS MESES DE 2009, OBTIVERAM-SE AS MAIORES VENDAS NO VAREJO.

Fonte: Adaptado de TCU, 2009.

Com o resultado que o governo conseguiu com as medidas tomadas houve um aumento no capital de giro das empresas, pois com uma facilidade nas vendas causada pela a diminuição dos preços, e também pela facilidade de financiamento pelo consumidor final as empresas conseguiram respirar um pouco financeiramente.

Conforme a posição de ALMEIDA (2010):

Em suma, a manutenção e o aumento do nível do investimento e do gasto público e a ampliação do crédito em plena crise, foram os determinantes do êxito brasileiro em responder à crise internacional e superá-la com rapidez, minimizando a retração do PIB em 2009. A ampliação do crédito pode ser considerada fator ativo mais relevante para a retomada do crescimento da economia a partir do segundo trimestre do ano passado. Se o Brasil tivesse se aproximado mais de outros países em termos de arrojo na execução de políticas fiscais e de juros, como no caso da China e dos países desenvolvidos, talvez sua economia nem tivesse entrado em recessão e teria acumulado crescimento no ano crítico de 2009.

Partindo da análise de uma empresa com problemas de captação de capital de giro, fica muito complicado para ela manter seu ciclo operacional, se não houvesse um meio dessa captação ou aumentar o número de vendas. Para Aníbal Junior (2012) a empresa em crise apresenta os seguintes sintomas abaixo:

- falta de aporte de recursos dos próprios sócios;
- falta de capitalização através de emissão de valores imobiliários;
- não conseguir financiamento bancário em razão do risco;
- dificuldades gerenciais;
- incompatibilidade ou improbabilidade dos controladores e administradores;
- não existência de capital de giro para fomento normal das atividades, dentre outras.

#### 4.1 ANÁLISES DOS DADOS

Para complementar esse estudo analisou-se a situação de 3 empresas situadas na cidade de Caxias do Sul e o reflexo da crise nelas, objetivando estudar os conceitos estudados. As empresas em questão têm ligação com a área automotiva. A escolha se deu devido a serem empresas de atividades diferentes, até para se poder demonstrar as diferentes particularidades que a crise lhes trouxe mesmo sendo dificuldades diferentes sempre há algo de negativo para as empresas quando se inicia uma crise mundial.

As empresas que foram analisadas são as seguintes:

- Empresa A – Indústria de médio porte ,que desenvolve produtos, ferramental e equipamentos industriais. Em sua grande parte imobilizado para outras empresas. Tem como clientes muitas empresas do ramo automotivo. É tributada pelo Lucro presumido.
- Empresa B – Indústria de médio porte, prestadora de serviços na pintura de metais. Em sua grande parte presta serviços para a indústria moveleira, automotiva, agrícola e de construção civil. É Tributada pelo Lucro Presumido.
- Empresa C – Indústria de grande porte, empresa S/A de capital fechado, fabricante de sistemas de freios de veículos pesados. É uma empresa Lucro Real. Tem muitas transações de importação e exportação.

Conforme o quadro 4, pode-se identificar os funcionários entrevistados e seus respectivos cargos.

**QUADRO 4 – Código e Cargo das pessoas entrevistadas**

<b>Código</b>	<b>Empresa</b>	<b>Cargo</b>
EA1	A	Sócio
EA2	A	Sócio
EA3	A	Gerente Comercial
EB1	B	Gerente Administrativo
EB2	B	Gerente Comercial
EC1	C	Diretor Financeiro

Fonte: elaborado pela própria autora.

Com base nas entrevistas pode-se fazer uma relação entre as consequências da crise nas empresas e as medidas que foram tomadas ou não, que mais tarde foram tomadas como aprendizado.

## 4.2 PRINCIPAL PROBLEMA CAUSADO PELA CRISE PARA AS EMPRESAS

Conforme as empresas entrevistadas verifica-se que as consequências da crise mundial não vieram imediatamente em 2008. Porém, o seu reflexo veio em 2009, pelo que se pode verificar todas tiveram alguma parte do seu desempenho afetado, ou tiveram queda, ou não cresceram ou simplesmente sofrem com a bola de neve que a crise se tornou para a empresa. Como se pode verificar com EA2.

Como trabalhávamos com prestação de serviço não tínhamos tanta necessidade de caixa, na época o cliente dava uma entrada e te dava o material para nos só sobrava o lucro e os impostos. O problema desse meio que usávamos é que o cliente não se credita dos impostos, para aquela situação que estávamos o clientes aceitava isso , hoje em dia o cliente quer até o frete CIF para se aproveitar dos impostos. O tropeço de 2008 esta sendo o tombo de 2012, nos estamos desequilibrando desde aquela época.

As empresas com alguma reserva conseguiram se manter durante a crise sem precisar de crédito de terceiros isso se confirma com EB1- A empresa na crise não precisou pegar empréstimo ou descontar títulos, na verdade a gente guarda quando a colheita esta boa, sempre temos reservas como para pagar férias e 13 salario. Temos que nos virar com o caixa.

Mas como foi citado anteriormente nem todas as empresas tiveram o mesmo problema. A empresa A teve problemas com faturamento e captação demasiada de empréstimo que vem lhe afetando até hoje, a empresa B teve problemas de faturamento e demissões, mas não precisou captar empréstimo já a empresa C teve problema por conta das importações e exportações e a questão da variação do dólar, que valorizou espantosamente como comenta EC1.

Nosso problema foi com as operações derivativas, não havia uma política de controles de moeda estrangeira, tínhamos mais a pagar do que a receber em dólar, gerou um déficit precisamos buscar recursos.

Um dos maiores problemas enfrentados na crise foram às empresas com capital lastreado em moeda estrangeira.

#### 4.2.1 Comprovação via Balanço

Como se pode analisar o balanço da empresa B que mostra a real situação da empresa nesse período.

**QUADRO 5 – Balanço Patrimonial empresa B**

<b>BALANÇO PATRIMONIAL EM (Em R\$)</b>	<b>31/12/08</b>	<b>31/12/09</b>	<b>31/12/10</b>
<b>ATIVO</b>			
<b>CIRCULANTE</b>			
Disponibilidades	369.699,30	61.903,94	570.244,64
Contas a receber de clientes	810.657,97	795.247,30	973.078,24
Impostos a recuperar	212.087,40	142.793,47	146.931,48
Outras contas a receber	76.155,25	62.779,89	212.568,50
Estoques	196.382,69	183.189,46	184.111,14
Aplicação de recursos em despesas	4.202,06	3.967,59	3.843,63
<b>Total do circulante</b>	<b>1.669.184,67</b>	<b>1.249.881,65</b>	<b>2.090.777,63</b>
<b>NÃO CIRCULANTE</b>			
Depósitos e empréstimos compulsórios	89,96	89,96	89,96
Impostos a recuperar	82.283,94	39.239,99	50.523,12
Depósitos judiciais	52.095,47	64.668,69	67.601,60
' Investimentos	8.534,75	8.534,75	10.394,86
' Imobilizado	2.966.862,75	2.747.269,21	2.670.681,02
' Intangível	28.459,03	29.608,66	59.049,78
' Diferido	199.020,14	132.680,18	66.340,22
<b>Total do não circulante</b>	<b>3.337.346,04</b>	<b>3.022.091,44</b>	<b>2.924.680,56</b>
<b>Total do ativo</b>	<b>5.006.530,71</b>	<b>4.271.973,09</b>	<b>5.015.458,19</b>

continua

continuação

<b>BALANÇO PATRIMONIAL EM (Em R\$)</b>	<b>31/12/08</b>	<b>31/12/09</b>	<b>31/12/10</b>
<b>PASSIVO</b>			
<b>CIRCULANTE</b>			
Fornecedores	413.254,81	318.332,69	374.703,73
Instituições Financeiras	366.476,06	399.314,35	76.530,33
Salários e ordenados	41.724,06	57.960,00	68.104,71
Impostos e contribuições sociais	82.415,03	37.778,38	344.032,31
Provisão p/ imposto de renda e Contrib. Social	70.262,99	48.465,80	62.500,74
Provisão de férias e 13º salário	156.869,83	162.684,79	219.800,73
Partes relacionadas	3.003,54	212.744,54	-
Adiantamentos de Clientes	23.399,16	29.958,74	54.703,52
Outras contas a pagar	21.376,20	29.727,64	83.507,41
<b>Total do circulante</b>	<b>1.178.781,68</b>	<b>1.296.966,93</b>	<b>1.283.883,48</b>
<b>NÃO CIRCULANTE</b>			
Instituições Financeiras	457.312,49	163.914,97	208.299,42
<b>Total do não circulante</b>	<b>457.312,49</b>	<b>163.914,97</b>	<b>208.299,42</b>
<b>PATRIMÔNIO LÍQUIDO</b>			
Capital realizado:			
Capital social	1.189.000,00	1.189.000,00	1.189.000,00
Reservas de Lucros	947,46	947,46	947,46
Resultados acumulados	2.180.489,08	1.621.143,73	2.333.327,83
<b>Total do patrimônio líquido</b>	<b>3.370.436,54</b>	<b>2.811.091,19</b>	<b>3.523.275,29</b>
<b>Total do passivo e do patrimônio líquido</b>	<b>5.006.530,71</b>	<b>4.271.973,09</b>	<b>5.015.458,19</b>

Fonte: elabora pela própria autora com base no balanço da empresa.

Como se pode analisar, no balanço já se consegue perceber a diminuição no disponível de 2008 a 2009 e a retomada do disponível em 2010, como a empresa já

havia explicado que se utilizou unicamente do caixa em 2009 e não precisou pegar empréstimos de terceiros.

Outro detalhe bem importante que pode ser percebido é o estoque que se manteve no mesmo padrão nos três anos isso demonstra que a empresa mantém um padrão de estoque apesar da retração do mercado.

Com isso pode-se aplicar algumas análises de capital de giro para fazer a comparação entre os anos de 2008, 2009 e 2010, como foi formulado no terceiro capítulo.

#### 4.2.1.1 Análise capital de giro

**QUADRO 6 – Análises Capital de Giro Empresa B**

<b>Análises</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>
Capital Circulante Líquido	490.402,99	(47.085,28)	806.894,15
Capital de Giro Próprio	33.090,50	(211.000,25)	598.594,73

Fonte: elabora pela própria autora.

Como analisado no quadro 6 pode-se ver a diferença entre os anos de 2008 e 2010 para o ano de 2009, onde como as empresas apontaram houve a maior retração do mercado.

Em 2009 a empresa só com seu ativo circulante não conseguiria pagar seu passivo circulante, ou seja, ela tinha R\$ 47085,28 a mais de contas em curto prazo a pagar do que valores no ativo circulante. Mas analisando o ano de 2010 se conclui que a empresa conseguiu passar esse período de capital de giro líquido negativo para uma situação bem mais favorável.

Também a uma situação desfavorável em relação ao Capital de Giro Próprio em 2009. A empresa apresentava em 2008 um capital de giro mantido pelo seu capital próprio, em 2009 já se pode notar que seu capital próprio não mantém o ativo, precisando assim de suporte de terceiros como a empresa diz que não precisou utilizar-se de empréstimos ela pode se manter pelos seus fornecedores aumentando seu ciclo operacional.

#### 4.2.1.2 Análise de liquidez

Analisando o balanço conforme as análises de liquidez pode-se chegar aos seguintes resultados.

**QUADRO 7 – Análises de Liquidez**

<b>Análises de liquidez</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>
Liquidez Geral	1,102	0,927	1,480
Liquidez Imediata	0,314	0,048	0,444
Liquidez Seca	1,249	0,822	1,485
Liquidez Corrente	1,416	0,964	1,628

Fonte: elabora pela própria autora.

No quadro 7 se visualiza diretamente a diminuição dos índices em 2009 e sua retomada em 2010. Segundo Assaf Neto (2002) quanto maior for este valor, melhor será a posição de liquidez da empresa, ou seja, maior se apresenta sua folga financeira.

Na liquidez geral verifica-se que a empresa em 2009 tem seu índice abaixo de 1, isso indica que a empresa apenas com seu ativo circulante e realizável em longo prazo não teria condições de liquidar com suas obrigações sem incluir seus investimentos e imobilizados. Mas esta análise se resume há apenas um ano, pois em 2010 já se pode analisar que a liquidez geral retoma e fica acima de 1.

Na liquidez imediata a situação é diferente, pois em nenhum dos três anos a empresa conseguiria saldar suas obrigações de curto prazo apenas com valores de liquidez imediata (caixa, banco, aplicações). Isso para a empresa em questão não é um problema, pois ela tem seu ciclo operacional bem controlado com isso ela sabe quanto vale o estoque e os títulos a receber para saldar suas obrigações.

O que foi analisado em liquidez imediata pode ser comprovado pela liquidez seca, pois conforme a figura 7 sem os estoques a empresa conseguiria liquidar suas dívidas de curto prazo apenas com o uso de ativos monetários de maior liquidez, já que o estoque no caso não seria algo de alta liquidez. E como se visualiza no quadro 5, a empresa em 2009 não tem um percentual maior que 1, diferente dos outros anos.

A última análise de liquidez seria a corrente que nos confirma mais uma vez a situação desfavorável que a empresa se encontrava em 2009. Mas a empresa em 2009 tem seu percentual muito perto de 1, então se pode concluir que apesar da baixa do índice a empresa não estava numa situação tão ruim, pois soube se defender da maneira que pode para continuar no mercado.

A seguir serão listados alguns pontos que tiveram interferência na empresa causada pela crise.

#### **4.2.2 Controles Internos**

Como verifica-se no capítulo 3 as análises de Capital de Giro são um dos meios mais importantes que a empresa deve ter conhecimento para poder controlar sua necessidade de caixa. Fazer um fluxo de caixa, analisar a liquidez das empresas são meios de garantir a continuidade da empresa. E não ter surpresas no futuro até mesmo quando acontece uma crise, para poder saber com quanto a empresa pode contar ou se é necessário ir buscar com terceiros.

As empresas, muitas vezes, vêm de um período de crescimento e lucratividade em alta, e se não tem um controle acaba por fazer distribuições entre os sócios sem deixar uma margem de segurança para empresa. Isso faz toda a diferença durante uma crise como se pode ver nas empresas em questão, a empresa A não se preocupou com reservas e hoje esta com problemas de captação de recursos com terceiros, não consegue ter dinheiro no caixa, já a empresa B que sempre mantém reservas em períodos de crescimento passou a crise claro com perdas em faturamento e quadro de funcionários mas hoje esta no mercado sem nenhum empréstimo de capital de giro.

Já a empresa C encontrou seu problema vinculado às importações e exportações já que não tinha um controle de quanto tinha a pagar e quanto tinha a receber em moeda estrangeira.

Empresa A – não tem controles internos começaram a implantar em 2012 como se confirma com EA3:

Nosso problema hoje é capital de giro, nossa maior dificuldade é gestão, um *controller* mesmo. Esse controle de gasto não temos e a crise faz com que o controle seja maior e tu aprende. E o que faz falta para nós é o profissionalismo nessa área. Não é cultural essa gestão nessa empresa, e estamos sofrendo por isso. Todas as análises começamos há fazer esse ano, só tínhamos controle da produção, horas trabalhados, materiais. E controle de despesas não. A área administrativa não te dá lucro, mas pode te dar um grande prejuízo, as pessoas nessa área não se dão o valor e não sabem a importância que tem. As empresas estão enxergando que não adianta ser bom em tudo se não tem alguém controlando.

Empresa B – Mantêm o Fluxo de Caixa e a Curva ABC de Faturamento. Como comenta EB2:

O capital de giro é feito pelo fluxo de caixa, e a curva abc de faturamento. E a gente tem balanço mensal já sabemos mês a mês o poder do caixa. Pelo faturamento já sabemos o quanto vai sobrar. Em cima do faturamento a empresa já tem tudo ajustado quando representa cada conta, não tem muito que ajustar.

Empresa C – possui, pois está obrigado pois é uma S/A e possui auditoria. Visualiza-se com EC “A empresa tem controles internos até porque possui auditoria, mas também para ter maior segurança na operação”.

#### **4.2.3 Faturamento**

Como apresentado antes o balanço com as análises de liquidez para melhor comprovar a discrepância do ano de 2009 para os outros anos, pode-se visualizar o DRE da empresa B, para se ter a ideia da diminuição de faturamento de um ano para outro. E também no caso da empresa B o prejuízo que a empresa teve em 2009 após um ano de 2008 com um faturamento de mais de 9 milhões e lucro de mais de 2 milhões.

QUADRO 8 – Demonstrações do Resultado empresa B

<b>DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO</b>	<b>31/12/08</b>	<b>31/12/09</b>	<b>31/12/10</b>
<b>(Em R\$)</b>			
<b>RECEITA BRUTA DE VENDAS</b>			
<b>Vendas de produtos e serviços</b>	<b>9.443.428,33</b>	<b>5.395.127,73</b>	<b>9.070.651,18</b>
Deduções de vendas:			
Devoluções e impostos	-376.748,31	-215.663,66	-371.031,74
<b>Receita operacional líquida</b>	<b>9.066.680,02</b>	<b>5.179.464,07</b>	<b>8.699.619,44</b>
<b>CUSTO DOS PRODUTOS E SERVIÇOS VENDIDOS</b>	<b>-5.649.878,05</b>	<b>-4.444.087,11</b>	<b>-6.077.063,56</b>
<b>Lucro bruto operacional</b>	<b>3.416.801,97</b>	<b>735.376,96</b>	<b>2.622.555,88</b>
<b>DESPESAS OPERACIONAIS</b>			
Com vendas	-124.325,45	-121.091,42	-230.399,62
Remuneração dos administradores	-14.877,35	-61.875,40	-100.198,56
De administração	-550.010,52	-561.372,55	-715.543,00
Resultado das operações financeiras:			
Despesas financeiras	-185.672,64	-97.944,23	-58.800,64
Receitas financeiras	13.121,17	15.271,96	6.550,77
<b>OUTRAS RECEITAS OPERACIONAIS</b>	<b>4.580,13</b>	<b>600,00</b>	<b>150,00</b>
<b>OUTRAS DESPESAS OPERACIONAIS</b>	<b>-66.339,96</b>	<b>-66.339,96</b>	<b>-66.339,96</b>
<b>Lucro operacional</b>	<b>2.493.277,35</b>	<b>-157.374,64</b>	<b>1.457.974,87</b>
<b>OUTRAS DESPESAS NÃO OPERACIONAIS</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>OUTRAS RECEITAS NÃO OPERACIONAIS</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>RESULTADO DA CORREÇÃO MONETÁRIA</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>Lucro antes da contribuição social</b>	<b>2.493.277,35</b>	<b>-157.374,64</b>	<b>1.457.974,87</b>
<b>CONTRIBUIÇÃO SOCIAL</b>	<b>-102.770,09</b>	<b>-60.175,71</b>	<b>-97.939,14</b>
Lucro antes da prov. p/ imposto de renda	<b>2.390.507,26</b>	<b>-217.550,35</b>	<b>1.360.035,73</b>
<b>PROVISÃO PARA O IMPOSTO DE RENDA</b>	<b>-167.120,11</b>	<b>-89.295,00</b>	<b>-156.487,80</b>
<b>Lucro líquido do exercício</b>	<b>2.223.387,15</b>	<b>-306.845,35</b>	<b>1.203.547,93</b>

Fonte: elabora pela própria autora.

Se analisar a diferença de um ano para outro se pode ver uma redução de 42,87 % no faturamento e isso a empresa não se esqueceu e nem gosta de se lembrar. Conforme EB2:

Na verdade para nós a crise não foi em 2008, mas sim em 2009 onde houve o reflexo, 2008 foi um ano bom, ano de trabalho normal, 2009 foi problemático, muito problemático um ano para ser esquecido. A empresa sofreu consequências o ano todo. Consequências muito fortes, muito grandes, ficamos pensando o ano todo o faturamento baixou 40%%, do que estava previsto.

Como se pode comprovar pelo DRE as informações passadas pela empresa, confirmam como o ano de 2009 foi complicado para a empresa B.

Mas não muito diferente as outras empresas também tiveram seus problemas conforme EA1 “vinhamos de uma final de ano de cheio de serviço, e março e abril de 2009, opa cadê?”. Foram dois meses parados. E não muito diferente de EC1 “A empresa vinha crescendo 20% ao ano e em 2009 não crescemos nada, mas, não tivemos diminuição”.

#### **4.2.4 Quadro de funcionários**

Quando há uma crise dentro das empresas a primeira atitude tomada é cortar gastos com isso acontecem às demissões, quando o faturamento baixa pode-se já ter a ideia que não é preciso da mesma mão de obra para o funcionamento da empresa já que a empresa conta com menos serviços durante o mês.

Como na entrevista foram analisadas três empresas de ramos diferentes consegue-se averiguar que a empresa A sendo na época uma empresa de menor porte não reduziu seu quadro de funcionários mesmo chegando a ter 2 meses de faturamento 0, mas vem sofrendo com uma crise interna até os dias de hoje. A empresa C também não reduziu seu quadro pois não teve queda no faturamento apenas não teve crescimento dentro do ano, então precisava contar com o mesmo numero de colaboradores.

Já a empresa B teve uma queda significativa no quadro de funcionários de 30%, o que se pode verificar no DRE e como EB2 comentou com a queda no faturamento não havia necessidade do quadro de funcionários existentes.

[...] nós éramos em 100 e ficamos 70 rapidinho. Nos deixamos de faturar 40% e demitimos 30% claro porque temos muito pessoas treinadas e muito oneroso demitir e treinar de novo então o melhores ficaram só saiu quem tinha condições, nossa política é primeiro dar férias e aguardamos como o mercado vai reagir e como nos somos a ultima etapa do processo então a gente deu férias para ver se conseguia manter o quadro, que era um quadro bom de funcionários, mas não teve jeito não conseguimos manter a estrutura, inclusive turnos foram tirados [...].

### 4.3 Medidas do governo e consequencias no capital de giro

Com a crise em vista o governo tomou algumas medidas como se pode verificar no capítulo 2 e no gráfico 1, para conseguir controlar a crise nas empresas brasileiras, para as empresas entrevistadas pode-se verificar qual foi o efeito real sobre elas ou se não trouxe nenhuma melhora.

#### 4.3.1 Aumento do Crédito

Conforme o Gráfico 1 pode-se ver algumas das medidas tomadas pelo governo para melhorar o capital de giro das empresas na crise, foi o aumento de crédito. Em relação às empresas entrevistadas foi necessária apenas na empresa C devido às operações no exterior e com o aumento do cambio ela teve que ir em busca de capital de terceiros para saldar seus fornecedores estrangeiros. Conforme EC1 “o 2º semestre de 2009 foi problemático pela dificuldade de se conseguir empréstimos e para piorar houve o aumento de custo para a obtenção de empréstimo”.

#### 4.3.2 Redução do IPI

Uma das medidas que vem a calhar em momentos de crise é a redução de impostos já que um dos grandes custos para as empresas são os tributos federais o governo apenas reduziu o IPI para alguns produtos, mas com isso já demonstrou uma melhoria no faturamento das empresas.

Citando EB1 “mesmo a empresa sendo prestadora de serviço, e não sendo impactada diretamente com a redução do IPI, viu um significativo aumento nos serviços devido à medida tomada pelo governo”.

As outras empresas não foram afetadas pela redução de IPI, pois não foi uma redução para todos os setores e essas empresas não foram privilegiadas.

### 4.3.3 Mudança Vencimento dos Impostos

Para melhorar o fluxo de caixa das empresas foi feito uma mudança nos vencimentos dos impostos para que elas conseguissem se planejar melhor com uma mudança de 5 dias para o pagamento do PIS e COFINS.

Como analisado para algumas empresas não houve nenhuma melhoria em relação essa mudança EC1.

A mudança por parte do governo no vencimento dos impostos não ajudou no capital de giro da empresa devido seu faturamento ser constante o mês inteiro e a diferença do dia 25 do dia 20 não muda a situação do que deve ser pago, até porque dia 23 tem o debito da conta de luz que sempre é um valor alto é no ultimo dia do mês tem as cotas de Imposto de Renda e Contribuição Social. Independente do Lucro ou não como a empresa é do Lucro Presumido paga em cima do faturamento.

“Mas para a empresa C foi muito importante à mudança dos vencimentos dos impostos como se pode ver com EC1 [...]” – “[...] a mudança dos vencimentos dos impostos fez diferença sim para nossa empresa, pois temos faturamento concentrado no final do mês”.

## 5 CONCLUSÃO

Com base no estudo bibliográfico realizado e nas análises feitas a respeito das empresas em questão pode-se concluir que a crise que muitas vezes apenas ouviu-se falar, não tendo contato diretamente com ela, afeta as empresas de alguma maneira. Sendo diretamente ou indiretamente sempre há algum impacto que pode ser a diminuição de faturamento, do quadro de funcionários ou até em casos mais extremos a falência, que não foi nenhum dos casos estudado.

No caso da empresa A pode-se analisar que a empresa não tem controle aprimorado em relação ao capital de giro ou qualquer outro controle simples financeiro, como o fluxo de caixa. A empresa pode ter a melhor produção no ramo, mas se não tiver um bom financeiro não conseguirá competir no mercado. A empresa precisa ter todos seus controles e saber no mínimo seus endividamentos, sem isso a empresa vai trabalhar apenas para pagar juros. A sugestão para esta empresa seria começar a dar mais valor para parte financeira, pois, uma empresa com problemas de capital de giro pode começar a ter problemas com pagamento e com isso pode perder muitos clientes, e mesmo sendo a melhor do mercado no ramo não conseguirá ter continuidade.

A empresa precisa focar no mercado em geral não apenas na sua produção, foram feitas severas reclamações em relações as atitudes tomadas pelo governo, pois na visão da empresa ela não foi privilegiada com nenhuma mudança do governo para diminuir o efeito da crise, mas mesmo que não a tenha atingindo diretamente pode ter auxiliado seus clientes que com isso vieram a poder efetuar novas industrializações principalmente pelo fato de sua grande parte de vendas ser de imobilizados para outras empresas, como pode ver-se no comentário da empresa B que apesar de não ser diretamente afetada viu o mercado como um todo. E considerou significativas as mudanças.

Já no caso da empresa B como os entrevistados falaram, a empresa tem um enorme controle sobre tudo, então eles tomam as devidas providências antes da crise se alastrar e causar maiores estragos. Não é a toa que a empresa está no mercado há anos obtendo grandes lucros. Quando a crise se iniciou a empresa já diminui o quadro de funcionários para não ter problemas de uma folha inchada em relação ao seu faturamento.

Outro detalhe importante da empresa B é que os setores são muito unidos isso faz com que o setor de compras sempre está por dentro de como anda a situação do setor financeiro para qualquer período complicado conseguir prazos mais prolongados.

Claro que fora todas as dificuldades sentidas pelas empresas, as com importação e exportação foram as mais afetadas durante a crise. O dólar estava muito valorizado em relação a nossa moeda e com isso as empresas tiveram que se virar muito bem para conseguir liquidar suas dívidas em moedas estrangeira. E quem tinha clientes estrangeiro se viu bem preocupado com a possibilidade de inadimplência. É onde a empresa C se encaixou, apesar de já manter todos seus controles necessários apenas teve que implementar os controles de processos envolvendo o dólar para evitar maiores perdas.

Mas empresas com esse tipo de processo são as mais afetadas em crises mundiais então todo controle é pouco é preciso ter pessoas bem atualizadas e com conhecimentos econômicos.

No entanto, as empresas que mantêm controles internos apurados conseguem se sair melhor em situações como esta, já que tem seu capital de giro, parte essencial no caso dessa crise, bem controlados tendo que ir menos atrás de crédito de terceiros.

Assim, apenas com poucos fatos, pode-se verificar a importância de um contador (*controller*) competente dentro da empresa. Desse modo apenas manter a contabilidade em dia não é suficiente, é necessário analisar, verificar o mercado, saber economia e administração, estar por dentro do mercado nacional e internacional. Ou seja, um contador moderno precisa saber contabilidade e muito mais.

O governo que tem parte importante dentro das crises ajuda a melhorar a situação de algumas empresas em relação ao capital de giro, mas não incentiva a indústria com menos incidência de impostos (apenas no caso do IPI) incentiva apenas o consumo o que gera outra bolha de endividamento desenfreado.

A economia mesmo no ano em questão 2012, esta num período volátil a Europa está tendo seus problemas e como se pode acompanhar as empresas já sentem isso e não estão no seu melhor período, e este estudo volta a lembrar de que isso pode se repetir a qualquer momento. E é preciso estar preparado para a sazonalidade do mercado nos dias de hoje.

Algumas sugestões que surgem com esse estudo para uma receita contra os efeitos da crise:

- manter os controles internos em dia;
- saber qual é o percentual da empresa que vai para pagamento da folha dos funcionários;
- se a empresa efetue compra do exterior ter um controle sobre esses valores devido à alta variação do dólar e outras moedas estrangeiras;
- estar sempre atento às mudanças na economia mundial;
- dar valor a um bom contador e financeiro que são a solução para um bom controle gerencial.

O estudo foi feito com ajuda de algumas empresas com isso houve algumas limitações nesse estudo, mesmo já tendo se passado 4 anos da crise, não existe muita bibliografia disponível para o assunto e nem todas as empresas conseguem algum tempo disponível para ajudar.

Para estudos futuros seria interessante ver como o aprendizado de 2008 pode ser útil para as crises que estão se estabelecendo no mercado, e se as empresas estão tendo os mesmo problemas que tiveram na crise subprime e outra ideia interessante seria o caso das baixas do juro por parte do governo brasileiro se isso não levar o Brasil a entrar numa onda de créditos podres como o que ocorreu nos Estados Unidos já que o país está sendo levado a uma onda de consumo muito grande.

## REFERÊNCIAS

ALVES, C. **A crise mundial e a indústria exportadora**. diHITT. 2010. Disponível em: <<http://dihitt.com.br/noticia/a-crise-mundial-e-a-industria-exportadora>>, acesso em: 16 junho de 2012.

ALMEIDA, J. G. de. **Como Brasil superou a Crise**. Disponível em: <<http://www.terra.gazine.terra.com.br/interna/0,,O14347-el6613,00-como+o+Brasil+superou+a+crise.html>>, acesso em: 16 de agosto de 2012.

AGUSTINI, C. A. **Capital de giro: análise do capital de giro**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ANIBAL JUNIOR, V. **A empresas em crise**. Revista Jurídica Eletrônica – UNICOC, 2004.

ANDRADE, M. M. de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2001. ISBN 8522429650.

ASSAF NETO, A ; **Administração do Capital do Giro**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2002. ISBN 8522415811.

ASSESSORIA TÉCNICA DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **A crise internacional e possíveis repercussões**. Comunicado da Presidência, 16. Brasília: IPEA, jan., 1990.

ÁZARA, L. N. de; PASSANHA, G. R. G.; ÁZARA, L. N. de. **Os efeitos da crise de 2008 sobre a volatilidade dos retornos das ações bancárias no Brasil**. In: SEMEAD, 13, 2010, Anais. São Paulo: SEMEAD, 2010. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/semead/13semead/resultado/trabalhosPDF/650.pdf>>, acesso em: 16 Junho de 2012.

BARRETO, M. G. P. **Controladoria na Gestão: a relevância dos custos de qualidade**. São Paulo: Saraiva, 2008. ISBN 9788502063242.

BEZEMER, D. J. Understanding financial crisis through accounting models. **Accounting, Organizations and Society**, Groningen, aug. 2010. Disponível em: <<http://www.elsevier.com/locate/aos>>, acesso em: 29 outubro de 2012.

BRASIL. Ministério da Fazenda. Receita Federal do Brasil – RFB. **Dados gerais da balança comercial**. Disponível em: <<http://www.receita.fazenda.gov.br/Historia/Aduna/Balança/2008/dezembro/dadosgerais.htm>>, acesso em: 07 de agosto de 2012.

CANINEU, M. L. e NAVES, R. **Crise Financeira Pode Ser Filtro Para Terceiro Setor**. Disponível em: <<http://www.conjur.com.br/2009-mar-07/crise-financeira-filtroentidades-terceiro-setor>>, acesso em 16 de junho de 2012.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. e SILVA, R. da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, c2007. x, 162 p. ISBN 8576050471.

CINTRA, M. A. M. e FARHI, M. **A crise financeira e o *global shadow banking system***. Novos Estudos – CEBRAT. São Paulo, n. 82, nov. 2008.

GIRALDI, N. L. K. **O Gerenciamento do capital de giro em pequenas e médias indústrias**. Dissertação (mestrado em Administração de Empresas) – Pontifícia Universidade Católica: Rio de Janeiro, 2008.

GONTIJO, C. e OLIVEIRA, F. A. de. **Subprime: Os 100 dias que abalaram o capital financeiro mundial e os efeitos da crise sobre o Brasil**. Belo Horizonte. 2011. ISBN 9788591092024.

GUTH, S. C. e PINTO, M. M. **Desmistificando a produção de textos científicos com os fundamentos da metodologia científica**. São Paulo: Scortecci, 2007. ISBN 9788536608044.

HOJI, M. **Administração financeira uma abordagem prática**. 3ª Edição, São Paulo: Atlas, 2001.

IUDÍCIBUS, S. de. **Análise de balanços**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 1998. 2v. ISBN 85-224-1871-3.

LIMA, L. de. **Giro**. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/16494.html>>, acesso em: 07 de agosto de 2012.

NASCIMENTO, C. do. **Estrutura financeira de empresas pós-crise de 2008: mudanças e perspectivas**. 2011.

OREIRO, J. L. da C. e BASÍLIO, F. A. C. **A crise financeira 2008**. Revista de Economia Política, pp. 133-149, janeiro-março/2009).

SEBRAE. **Impactos da Crise Financeira internacional nas MPEs Brasileiras**. Disponível em: <[http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/BDS.nsf/FAFB3A6487EF400629189/\\$file/NT00041A6E.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/BDS.nsf/FAFB3A6487EF400629189/$file/NT00041A6E.pdf)>, acesso em: 17 de agosto de 2012.

SERASA.Experian. **Estudo de inadimplência**. Disponível em: <[http://www.serasaexperian.com.br/release/noticias/2012/noticia\\_00068.htm](http://www.serasaexperian.com.br/release/noticias/2012/noticia_00068.htm)>, acesso em: 07 de agosto de 2012.

SOROS, G. **O novo paradigma dos mercados financeiros: a crise de crédito em 2008 e suas implicações**. Coimbra: Edições Almedina SA, 2008.

TCU. **Tribunal de Contas, Contas do Governo exercício 2009**. Disponível em: <[http://portal2.tcu.gov.br/portal/page/portal/TCU/comunidades/contas/contas\\_governo/contas\\_09/Textos/Ficha%201%20-%20Análise%20da%20Crise.pdf](http://portal2.tcu.gov.br/portal/page/portal/TCU/comunidades/contas/contas_governo/contas_09/Textos/Ficha%201%20-%20Análise%20da%20Crise.pdf)>, acesso em: 07 de agosto de 2012.

VIEIRA, M. V. **Administração estratégica do capital de giro**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008. ISBN: 8522440956.

## APÊNDICE A - Questionário utilizado para as empresas

Perguntas	Objetivo
A empresa sofreu consequência com a crise de 2008	Saber se a empresa faz parte das empresas afetadas pela crise
A empresa viu seu faturamento afetado pela crise de 2008?	Saber quais foram as consequências principais da crise
Com a mudança de vecimento dos imposto federais houve uma folga no fluxo de caixa da empresa?	Com mudanças do governo a empresa conseguiu passar sem grandes perdas a crise
A redução de juros do governo fez com que a empresa pudesse conseguir mais empréstimos?	
Com a redução do ipi em diversos setores houve uma melhora no faturamento?	
A ampliação do credito na crise de 2008 fez com que a empresa conseguisse passar a crise sem maiores perdas?	
Houve redução no quadro de funcionarios?	Buscar saber além da empresa quem mais sofreu com a crise
Como funcionario da empresa você acredita que a crise trouxe algum aprendizado ?	O que isso trouxe para agregar na empresa e na experiência do
Como a empresa controla o capital de giro ?	Saber se a empresa tem controles
A empresa possui controles internos para conservar resultados que precisam ser mantidos?	A empresa sabe quais resultados devem ser mantidos
Se a empresa possui os controles internos a empresa conseguiu identicar com ele a retração do mercado?	Se a empresa se utilizada dessa ferramentas adequadamente

Fonte: elaborado pela própria autora.